

MODELOS HÍBRIDOS DE AGRICULTURA EM UM FAXINAL PARANAENSE: CONFLUÊNCIA DE IMAGINÁRIOS E DE SABERES AGRÍCOLAS¹

Nicolas FLORIANI, Prof. Dr. do Depto. de Geociências da UEPG, nicolas@uepg.br
Silvia Méri CARVALHO, Profa. Dra. do Depto. de Geociências da UEPG,
Dimas FLORIANI, Prf. Dr. do Depto. de Ciências Sociais da UFPR
Andréa Aparecida I. da SILVA, Pós-graduanda do Curso de Geografia da UEPG
Juliano STRACHULSKI, Graduando do Curso de Geografia da UEPG

RESUMO

Os Faxinais paranaenses são um modo tradicional de vida e de uso dos recursos naturais existente no Brasil. Sua formação espacial resulta na configuração de paisagens que integram, em diferentes níveis de sustentabilidade socioambiental, o ecossistema Floresta com Araucária às pequenas comunidades de agricultores tradicionais que utilizam os recursos em regime de apropriação comunitária. Atualmente, os faxinais tentam adaptar-se aos imperativos da lógica de mercado, à pressão fundiária e a ausência de políticas públicas de desenvolvimento local específicas para a realidade socioambiental desses territórios, transformando, para tanto, sua organização espacial: o conjunto de atividades produtivas tradicionais vem dando lugar aos monocultivos comerciais intensivos (fumicultura, reflorestamentos com espécies exóticas, sojicultura, entre outros cultivos e criações intensivos); o crescimento demográfico e o aumento do preço das terras também exercem pressões sobre a paisagem, causando conflitos entre os moradores e a desintegração da comunidade. Tais fenômenos derivam na perda progressiva da agrobiodiversidade, fruto das interações coevolutivas desses grupos junto com o ecossistema, sintetizadas em um corpo de saberes e práticas tradicionais. Não obstante, a questão da gestão e manejo dos recursos naturais, requer uma abordagem mais complexa dos fenômenos espaciais, necessitando-se de uma leitura geo-sócio-agronômica das paisagens a fim de interpretar e lançar hipóteses sobre o entendimento (imaginário coletivo, representações sociais, ou ainda, cosmovisões) que os agricultores possuem acerca da vocação produtiva e da capacidade de suporte das paisagens. Implica, portanto, na construção de um espaço dialógico entre os saberes científicos (disciplinares) e os saberes locais (territoriais), inscrevendo-se em questões atuais como a etnoconservação, na qual sobressaem as classificações e avaliações populares das paisagens. Nesse sentido, tratou-se de investigar a configuração do saber patrimonial de uma comunidade faxinalense no Município de Rio Azul-PR a respeito das potencialidades e limitações produtivas de seu território, frente ao processo modernizador do espaço rural.

Palavras-chave: práticas e saberes locais, faxinal, paisagem e território, ideótipos agrícolas

INTRODUÇÃO

Os Faxinais paranaenses são remanescentes de um antigo modo de vida no Brasil. Sua formação espacial resulta na configuração de paisagens que integram, em diferentes níveis de sustentabilidade sócioambiental, o ecossistema Floresta com Araucária às pequenas comunidades de agricultores familiares que manejam coletivamente os recursos naturais.

¹ Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa “*Gestão Participativa de Recursos Naturais em Faxinais*”, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior sob a rubrica do Programa Nacional de Pós-Doutorado (CAPES-PNPD, 2008). Agradecemos à Fundação Araucária do Paraná pelos recursos concedidos à divulgação do trabalho, bem como à equipe de pesquisa envolvida na execução do projeto: professores doutores Cicilian L. L. Sarh (DEGEO-UEPG), Ligia Cassol Pinto (DEGEO-UEPG), Luis Alexandre Cunha (DEGEO-UEOG); graduandos de geografia da UEPG Adelita Staniski, Anna Lombardi, Márcia A. Soares da Silva, Camila Bittencourt Silva.

Tradicionalmente, os Faxinais apresentam como característica específica a existência de um criadouro comunitário, isto é, a prática da criação de animais em área florestada sob regime de apropriação comunal. Este espaço é formado por terrenos justapostos de várias famílias que, de forma coletiva, ali criam seus animais à solta em meio a áreas de matas, que também são utilizadas para extração de erva-mate (SAHR e CUNHA, 2005). Circunvizinhas ao criadouro comunitário está o espaço dos cultivos agrícolas, cujas terras são usadas sob regime de propriedade privada, embora sobre elas também sejam exercidas práticas sociais coletivas compartilhadas pela comunidade.

As áreas de criadouro comunitário, que caracterizam a centralidade do sistema faxinalense, constituem, atualmente, os últimos remanescentes expressivos de Floresta Ombrófila Mista da região, merecendo o *status* de unidades de conservação estaduais. Tradicionalmente, este sistema também pode ser visto como uma forma de uso sustentável, uma vez que conserva o ecossistema da Mata com Pinheiro do Paraná sem renunciar totalmente ao seu uso. Desta forma, a população faxinalense remanescente deve ser considerada como tradicional e seus territórios protegidos. (PEREIRA et al, 2008; SAHR e CUNHA, 2005).

Atualmente, os faxinais buscam adaptar-se aos imperativos da lógica de mercado, à pressão fundiária e à ausência de políticas públicas de desenvolvimento local específicas para a realidade socioambiental desses territórios, transformando, para tanto, sua organização sócioespacial. O universo faxinalense, de modo geral, presencia o seguinte quadro de transformação sócioespacial: o conjunto de atividades produtivas tradicionais (a criação extensiva, as formas artesanais de extrativismo e os policultivos de subsistência) vem dando lugar aos monocultivos comerciais intensivos (fumicultura, sojicultura, reflorestamentos com espécies exóticas, entre outros cultivos e criações intensivas); o crescimento demográfico e o aumento do preço das terras também exercem pressões sobre a paisagem, além da invasão de - cidadãos provenientes de áreas urbanas próximas - que instalam chácaras de laser dentro da área dos criadouros comunitários. Todos esses fatores têm levado a população faxinalense a conflitos com outros segmentos sociais e a disputas entre os moradores, podendo no limite provocar a desintegração da comunidade.

Temos, portanto, que a racionalização do espaço e o projeto modernizador do mundo rural têm derivado não somente na perda de qualidade dos atributos biofísicos da paisagem e na pauperização e/ou expulsão das famílias do espaço rural, mas transformaram (em diferentes graus de metamorfose) as expressões identitárias da organização cultural das comunidades rurais. Tal transformação tem resultado na perda progressiva da agrobiodiversidade - fruto das

interações coevolutivas desses grupos com o ecossistema florestal - sintetizada em um corpo de saberes e práticas que configuram a cosmovisão dessas comunidades tradicionais.

Não obstante, a questão da gestão e manejo dos recursos naturais requer uma abordagem complexa dos fenômenos espaciais, necessitando-se de metodologias que integrem abordagens interdisciplinares das ciências naturais e das ciências sociais, a fim de interpretar e lançar hipóteses sobre o entendimento (imaginário coletivo, representações sociais, ou ainda, cosmovisões) que os agricultores possuem acerca da vocação produtiva das paisagens e dos seus elementos geobiocenóticos constituintes. Implica também na construção de um espaço dialógico entre os saberes científicos (disciplinares) e os saberes locais (territoriais), inscrevendo-se em questões atuais como a etnoconservação da agrobiodiversidade, na qual sobressaem as classificações e avaliações populares das paisagens.

Nesse sentido, coube investigar a configuração do saber patrimonial de uma comunidade faxinalense no Município de Rio Azul-PR a respeito das potencialidades e limitações edafológicas (relação solo-planta) do território da exploração agrícola. Para tanto, partiu-se do seguinte problema: *como o sistema sociocultural faxinalense internaliza e adapta sua matriz cognitiva agrícola diante de práticas produtivas guiadas por racionalidades distintas em um mesmo território?* Isto é, à racionalidade econômico-instrumental (relativa às práticas e ao ideótipo de agricultura moderna, representada pela fomicultura industrial integrada) e à racionalidade substantivo-tradicional (relativa às práticas e ideótipo de agricultura tradicional, representada pelos policultivos, criações extensivas e os extrativismos florestais seletivos); e ainda: *que paisagens são cristalizadas no território da comunidade levando-se em consideração essa dialética?*

PARA COMPREENDER OS SABERES DE UMA COMUNIDADE RURAL ACERCA DOS ASPECTOS ECOLÓGICOS DE UMA PAISAGEM

Na caracterização da matriz cognitiva local, o aporte metodológico da tríade '*Práticas Sociais (econômicas, políticas e simbólicas) - Representações Sociais (imaginário coletivo) - Paisagem-Território*' possibilita lançar hipóteses sobre as particularidades do relacionamento de uma comunidade rural com seu ambiente, desde o prisma da configuração do patrimônio cognitivo territorial de certa coletividade. Tal patrimônio está aderido à vivência (experiência) do espaço, refletindo o processo histórico de potencialização das vocações produtivas paisagísticas, ou seja, representa o processo co-evolutivo (simbiótico) entre natureza e cultura

tradicional² (agricultura tradicional e/ou de base ecológica), sintetizado na relação ‘terra-lugar-família (FLORIANI, N., 2007).

Portanto, a relação que uma comunidade rural possui com o seu ambiente é expressão histórica do saber prático implícita ou explicitamente codificado na paisagem: “(...) *um código genético local, material e cognitivo; produto social da territorialização que se constitui em patrimônio territorial de cada lugar (...), no qual há uma co-evolução social e natural*” (MAGNAGHI apud SAQUET, 2007, p. 148).

Apropriando-se das palavras de Maurice Godelier (1984), podemos dizer que esses saberes territoriais são resultado de:

(...) em um processo de adaptação dos homens que demanda desde o começo a elaboração das representações de interpretações da natureza partilhadas pelos membros de uma coletividade, isto é, a organização das diferentes formas de intervenções individuais e coletivas sobre a natureza que leva em conta as percepções individuais e coletivas (GODELIER, 1984, p. 15).

Isso implica entender as formas como a natureza é imaginada pelos diferentes grupos humanos, através de um conjunto de crenças e conhecimentos, e como em termos dessas imagens, tais grupos utilizam e/ou manejam os recursos naturais (TOLEDO, 2001).

Envolvem, nas palavras de Victor Toledo (2001), as percepções de natureza que uma coletividade constrói com sua rede de crenças e conhecimentos: o sistema de crenças (cosmovisões), apoiado em um sistema cognitivo que legitima o conjunto de práticas sociais, são categorias traduzidas nos conceitos de *kosmos*, *corpus* e *práxis* e formam, segundo o referido autor, o complexo ‘crenças-conhecimentos-práticas’ das coletividades, cuja análise é capaz de evidenciar os processos de apropriação coletiva da natureza.

Ora, estamos falando de ações coletivas sobre um determinado espaço e o entendimento dessas ações sociais - carregadas de intenções, combinando racionalidades e subjetividades – pressupõe a compreensão da organização cultural de uma formação socioambiental. O conhecimento dessa organização cultural inclui, segundo Enrique Leff

(...) o conhecimento do tecido de valores, das formações ideológicas, dos sistemas de significação, das práticas produtivas e dos estilos de vida, num contexto geográfico e num dado momento histórico (LEFF, 2000, p. 105).

² Tratam também dessa temática inúmeros autores, segundo diversas abordagens: econômica, antropológica, sociológica e ecológica. Entre eles podemos citar Henri Mendras, Joel Bonnemaïson, Augustin Berque, Denis Cosgrove, Paul Claval, Chantal Blanc-Pamard, Jean-Pierre Deffontaines, Jean Gallais, Claudine Friedberg, Enrique Leff, Victor Toledo, Yvon Chatelin, Antonio Carlos Diegues, Miguel Altieri, Scot Hoefle, Jan Van Der Ploeg, Antonio Diegues, Richard Noogard, entre outros.

Portanto, a organização cultural de uma formação socioespacial possui, por um lado, sua materialidade expressa no território: é produto das ações coletivas no espaço, é a parte material das relações que a sociedade mantém com a natureza; e, por outro lado, possui a sua territorialidade: a parte imaterial dessas relações sociais.

De acordo com Augustin Berque (2004) e Denis Cosgrove (2004) a relação sociedade-natureza é produto de ações históricas que se concretizam em momentos distintos e superpostos, gerando diferentes paisagens que se expressam nas formas espaciais dotadas de significados. Para tanto, demanda uma abordagem (i)material a partir da compreensão da realidade material (o território) e de sua representação ou imagem (a paisagem).

Para Paul Claval (2007), a compreensão dos aspectos materiais e imateriais de uma paisagem - isto é, a compreensão das práticas sociais que modelam o espaço - misturando estreitamente as técnicas, a representação, o conhecimento, e o discurso - só é possível enquanto nenhuma das lógicas (econômica, política, cultural) que presidem a elaboração do espaço humanizado elimine as outras.

Nesse sentido, o conceito weberiano de racionalidade social apresenta-se coerente ao destacar os aspectos múltiplos da estrutura social (econômica, política, ideológica) que podem ser priorizados por atores sociais para legitimar suas ações. Assim, conforme Enrique Leff

Uma racionalidade social define-se como um sistema de regras de pensamento e comportamento dos atores sociais, que se estabelecem dentro de estruturas econômicas, políticas e ideológicas determinadas, legitimando um conjunto de ações e conferindo um sentido à organização da sociedade em seu conjunto. Estas regras e estruturas orientam um conjunto de práticas e processos sociais para certo fim, por meios socialmente construídos refletindo-se em suas normas morais, suas crenças, seus arranjos institucionais e em seus padrões de produção (LEFF, 2001).

É conveniente destacar que essas ações são remetidas a outros atores sociais e sobre os objetos geográficos e essa particularidade é que confere para Milton Santos o caráter híbrido do Espaço geográfico: uma entidade híbrida comportando de forma relacional sistema de ações e sistema de objetos (SANTOS, 1996).

Dessa forma, a apreensão da complexa realidade socioespacial '(i)materilizada' na qualidade de paisagem-território mostra-se um desafio à medida que a paisagem é compreendida como "*a unicidade de nossa existência no mundo da materialidade física transformando-se em manifestações simbólicas que não se reduzem umas às outras*" (MACIEL, 2009, p. 11).

Ora, explicar os saberes locais a respeito das paisagens exige, portanto, uma abordagem que seja capaz de apreender a multicausalidade e o potencial sinérgico do conjunto de processos de ordem física, biológica, tecnológica e social que integram o tecido complexo que é a paisagem. Exige um esforço inter e transdisciplinar que permita o diálogo entre áreas do conhecimento científico que tratam da relação sociedade-natureza.

Ciente o esforço intelectual que envolve a abordagem das múltiplas dimensões da paisagem – e destacamos que tal esforço exige um método complexo -, George Bertrand (2005) sugere o sistema tripolar GTP (Geossistema-Território-Paisagem) que disponibilize ao menos três entradas principais em um mesmo espaço: i) o geossistema, tratando dos objetos e dos processos biofísicos que por essência já são mais ou menos antropizados; ii) o território, que leva em conta as estruturas e os funcionamentos ligados às atividades sócio-econômicas, tendo já compreendido os dados geossistêmicos e da paisagem física; e iii) a paisagem cultural: apreendendo a dimensão sensível e simbólica por meio das representações sociais.

Por sua vez, o estudo das representações espaciais, conforme Salette Kozel (2002), busca apreender as experiências (temporal, espacial e social) dos grupos humanos, existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas, ou seja, entre as representações e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento, permitindo-nos compreender a diversidade inerente às práticas sociais, às mentalidades, ao vivido (KOZEL, 2002, p. 215).

Parte-se, então, da noção de sistema de práticas simbólicas, conceituado por Dimas Floriani (2004) como um sistema de conhecimento e reconhecimento da realidade. Para o referido autor, o sistema cultural indica as modalidades de produção social do discurso; do sistema lógico e cognitivo; da comunicação; dos saberes espontâneos, culturalmente arraigados e em metamorfose; da organização do imaginário e dos vínculos com o sagrado e com o profano e com o inconsciente (FLORIANI, D., 2004).

Especificamente, para a leitura dos aspectos (i)materiais de uma paisagem rural - e levando-se em consideração as particularidades das categoriais socioantropológicas destacadas por Paul Claval (prática, representação, conhecimento e discurso) - algumas categorias analíticas mostram-se significativas no tratamento dos saberes locais: racionalidade social; sistema de práticas; representações sociais de natureza; território e espaço vivido (FLORIANI, N., 2007).

Em termos metodológicos, a dimensão produtiva do sistema de práticas sociais compreende o estudo do *saber-fazer* agrícola, adentrando nas lógicas produtivas em jogo em

função das racionalidades, das especificidades do conhecimento agroecológico local, da esfera técnica, das relações de produção e das representações de natureza.

Então, partindo do enfoque conjunto das representações geográficas e dos sistemas de práticas é possível uma leitura interiorizada dos sistemas cognitivos sob a ótica do cotidiano vivido pelos agricultores. Tal enfoque deve levar à compreensão dos esquemas de valorização das territorialidades, isto é, das ações coletivas cristalizadas nas paisagens rurais.

Nesse sentido, buscamos captar, por meio de recursos iconográficos³, os significados das práticas implícitos nos discursos a respeito do conhecimento cotidiano ecológico, historicamente elaborado e simbioticamente convalidado pela relação comunidade-ecossistema. A discussão com base em imagens de satélite⁴ foi apoiada no roteiro de questões abertas semi-estruturadas e fechadas de acordo aos eixos temáticos abordados: 1. questões abertas relativas à percepção das qualidades das terras; 2. questões abertas relativas à nomenclatura e classificação das terras; 3. questões fechadas relativas ao itinerário técnico, custos e receita de produção; 4. questões abertas relativas à relação processos erosivos e técnicas de preparo e manejo do solo.

Tais elementos serão abordados a seguir, de maneira a permitir o entendimento das racionalidades que guiam as práticas, estruturam os saberes e configuram as paisagens híbridas da comunidade faxinalense Taquari dos Ribeiros, localizado na região sudeste do estado do Paraná.

SOBRE A HIBRIDAÇÃO DE PRÁTICAS NO FAXINAL TAQUARI DOS RIBEIROS: INCORPORAÇÃO DO MODERNO NO TRADICIONAL

Desde o final dos anos de 1970 o território faxinalense do Taquari dos Ribeiros vem presenciando a integração dos agricultores familiares à cadeia produtiva da fumicultura industrial, deslocando novamente – a partir desse novo ciclo econômico - a centralidade das atividades produtivas tradicionais.

O cultivo do fumo integrado, que penetra no território do Faxinal Taquiri dos Ribeiros como uma atividade produtiva vinculada ao capital internacional das indústrias tabaqueiras,

³ Cabe destacar que a representação iconográfica dos fenômenos da paisagem constitui uma modalidade privilegiada de compreensão das estruturas e dinâmicas espaciais. Ela constitui um instrumento precioso para o exercício do diagnóstico territorial e para uma metodologia reflexiva com os atores, na medida em que guiam individualmente e coletivamente um raciocínio espacial. Nesse sentido, constitui uma ferramenta de visualização e coloca em discussão os pontos de vista dos atores e de suas práticas de paisagem contribuindo na transformação dos territórios (DEBARBIEUX e LARDON, 2003).

⁴ Satélite WorldView, cena de junho de 2008, banda pancromática, resolução espacial de 1 metro.

obedece a dispositivos técnicos e legais de maneira a garantir a eficiência do funcionamento do sistema produtivo: do fornecimento de sementes à classificação e enfardamento das folhas de fumo, a assistência técnica, garantida contratualmente ao agricultor, tem como função a intensificação produtiva, com base em pacotes tecnológicos químico-genético industriais. Guiando o processo produtivo, a racionalidade econômico-instrumental visa garantir a viabilidade do setor fumageiro como um todo.

É necessário, destacar, contudo que embora outros ciclos econômicos tenham direcionado os esforços do trabalho agrícola da comunidade entorno de um ou outro produto específico (como foi o caso dos ciclos da madeira e erva-mate, da banha de porco, da batata e do trigo), a radicalização do fenômeno da modernização da agricultura nos anos 70 tendeu a submissão quase que completa do trabalho agrícola familiar à lógica do mercado.

Sob a égide do paradigma produtivista-industrial, a autonomia desses agricultores tradicionais no processo decisório de suas práticas econômicas foi reduzida de forma significativa: de acordo com o levantamento socioeconômico de caráter censitário realizado pela REDE FAXINAL DE PESQUISA (2008)⁵, a fumicultura atualmente recruta mais de 62% da força de trabalho dos agricultores e agricultoras do referido faxinal, contra 11% dos entrevistados que afirmam gerar renda também a partir dos cultivos tradicionais como feijão, arroz, milho; a tal fenômeno acentua-se o fato de 88% dos faxinalenses afirmarem comprar alimentos para suprirem suas necessidades nutricionais. É possível, portanto, constatar que a vinculação à fumicultura integrada, sob a lógica produtivista, levou à estagnação de certas práticas sociais tradicionais como os policultivos de subsistência.

Outro impacto significativo no patrimônio tradicional são as práticas do cercamento das terras no interior do criadouro e o aumento da área de cultivo dentro deste. Tais práticas aparecem como que conflitantes e emblemáticas do processo desestruturante do território faxinalense, simbolizando aparentemente o grau de desagregação da comunidade, pois atinge a centralidade do imaginário coletivo de comunidade faxinalense (os interesses individuais sobre o projeto coletivo), desarranjando parcialmente os códigos de solidariedade da população.

⁵ A Rede Faxinal de Pesquisa é uma iniciativa acadêmica que congrega diversas entidades e instituições de ensino, pesquisa e extensão da Região dos Campos Gerais paranaenses. No intuito de realizar investigações acerca das geografias dos povos tradicionais paranaenses, congregam tal iniciativa: Departamentos de Geociências, Solos e Biologia da UEPG, IAPAR-Ponta Grossa, EMBRAPA Florestas, UNICENTRO-Irati, pesquisadores associados de diversas instituições.

Não obstante, algumas práticas sociais tradicionalmente vigentes aparecem reforçando o sentido de solidariedade e união da comunidade: praticar o mutirão, mesmo que aparentemente contraditório para o caso do cercamento (a instalação e manutenção coletiva de cercas é praticada para 40% dos entrevistados) é outra prática social em vigência que reafirma laços de um modo de vida solidário e de união (SAHR; IEGELSKI, 2003); figuram também como práticas sociais solidárias a manutenção da infraestrutura (instalações telefônicas, trabalhos na lavoura, vacinação de animais e poço comunitário para 20 % dos entrevistados) e em casos de doenças (para 18% dos entrevistados).

Especificamente no que tange à adoção de técnicas e tecnologias modernas, o cultivo industrial do fumo integrado no Taquari dos Ribeiros não se expressa de forma íntegra no sistema de práticas produtivas faxinalense: embora a maioria dos agricultores (77% dos entrevistados) tenha afirmado participar ao menos uma vez de treinamentos técnico-agronômicos de cultivo do fumo (REDE FAXINAL DE PESQUISA, 2008), tal prática institucional formal não é incorporada integralmente ao *habitus* da comunidade, sendo ressignificada em base ao patrimônio agrícola coletivamente compartilhado e transmitido entre as gerações da comunidade faxinalense. Nota-se, portanto, utilizando-se o referencial teórico de Pierre Bourdieu, que existe uma ação orientada a legitimar e preservar o capital social acumulado no saber-fazer produtivo local.

Em que pese a diminuição dos cultivos tradicionais e da sua diversidade, a criação extensiva de animais dentro da floresta secundária mostra-se ainda uma atividade capaz de gerar renda adicional para mais de 43% das pessoas do universo entrevistado, assim como a extração das folhas da erva-mate, evidenciando a importância do criadouro comunitário para a reprodução de práticas sociais tradicionais (REDE FAXINAL DE PESQUISA, 2008).

Outras práticas sociais figuram como elementos constitutivos do modo de vida solidário, tais como: a ‘troca de dias’ de serviço na lavoura (mostra-se importante para 71% dos entrevistados) e o plantio em parceria ou ‘às meia’, sendo praticado por 45% do universo entrevistado (idem, 2008).

Outro dado significativo diz respeito aos instrumentos de trabalho e de transporte: para o plantio utilizam-se instrumentos tradicionais como o arado à tração animal e o aterrador. O produto da colheita é transportado nas costas do próprio faxinalense, no lombo de mulas e em

carroças com ou sem rodas, “num sistema integrado onde o conjunto de elementos utilizados varia em função das dificuldades do terreno⁶ e das condições de acesso” (SAHR, 2005).

Fruto das relações comunidade-natureza, esse patrimônio cognitivo (o *corpus* de conhecimentos acumulados) é concebido em virtude do contínuo aprendizado dos agricultores frente às limitações geológicas impostas a cada nova safra. Nesse processo cognitivo (no sentido piagetiano de aprendizagem como processo adaptativo), técnicas e instrumentos são concebidos como parte do patrimônio faxinalense e incorporados às atividades agrícolas atuais, posto que, segundo Paul Claval (2007, p.80), “os gestos e as práticas (...) são inseparáveis dos equipamentos para os quais foram concebidos e das ferramentas que os fazem funcionar”. Nesse sentido, as práticas modernas de agricultura (representada pela fomicultura integrada) são ressubjetivadas pela comunidade faxinalense quando aspectos geológicos locais condicionam as práticas modernas de cultivo sendo, portanto, ressignificadas e incorporadas segundo o *habitus* da comunidade faxinalense.

Ora, evidencia-se assim um problema que revela uma dualidade entre ‘técnica’ e ‘prática’: contrariamente às técnicas⁷, as práticas não podem ser operadas sem se levar em conta condições sociais e geológicas onde são gestadas; tem como fundo a revalorização das práticas agrícolas no contexto em que são geradas, isto é, em um dado território. Atrás desta dualidade escondem-se entendimentos (cosmovisões) diferenciados sobre o funcionamento e as potencialidades produtivas de Natureza. Leva em conta os ideótipos agrícolas que, conforme Azevedo (2005), vinculam-se a modelos idealizados de agricultura, construídos a partir da cosmologia (o sistema de crenças, a rede simbólica) de cada grupo social possui sobre as capacidades produtivas da Natureza.

A ressignificação do conhecimento científico - isto é, a incorporação do saber científico na matriz cognitiva da comunidade - configura uma estratégia cognitiva complexa que envolve a metamorfose de práticas sociais, ou seja, a integração total ou parcial de ideótipos agrícolas (moderno e tradicional), refletindo estratégias de afirmação da identidade coletiva, sem contudo colocar em xeque o sentido da organização da sociedade em seu conjunto. Ora, as práticas empreendidas pelos agricultores revelam um sistema de regras de pensamento e

⁶ O levantamento semi-detalhado de solos em sub-bacia das ‘Terras de Plantar’ do Faxinal Taquari dos Ribeiros, mostrou que 57% dos solos da sub-bacia localiza-se em relevos íngremes (ondulado a forte ondulado), isto é, em encostas que variam de 16 a 45% de declividade, isto é, de difícil acesso e de restrita prática (mecanização) de agricultura moderna convencional (EQUIPE PNPd-CAPES, 2008).

⁷ Posto que a tecnociência, pelos seus princípios racionais (lógico-matemáticos) simplificadores, disjuntivos e objetivantes da realidade a ser experimentada, pretende-se universal, isto é, aplicável a qualquer situação, independentemente do contexto social.

comportamento desses atores, estabelecidas dentro de estruturas econômicas, políticas e ideológicas determinadas, legitimando um conjunto de ações e conferindo um sentido à organização da sociedade em seu conjunto. Estas regras e estruturas orientam um conjunto de práticas e processos sociais para certo fim, por meios socialmente construídos refletindo-se em suas normas morais, suas crenças, seus arranjos institucionais, em seus padrões de produção (LEFF, 2000).

Parte-se, portanto, conforme Floriani, N. (2007), da idéia de oposição e/ou hibridação de modelos explicativos (ou interpretativos) dos ecossistemas que respondem a lógicas distintas: o sistema cognitivo vernacular e o científico. Desta particularidade o autor destaca a seguinte formulação: que os modelos de representação das paisagens derivam de um sistema de conhecimento solidário com o entendimento que ambos os sistemas (o científico moderno e o vernacular) possuem sobre a natureza, mas o fato de estarem unidos a modelos explicativos distintos (cosmovisões) os predispõe a práticas diferenciadas.

Não obstante, é possível falar de modelos explicativos híbridos da realidade? Ou melhor, é possível falar de racionalidades híbridas, partindo-se do pressuposto que estas repercutirão sistemas de regras de pensamento e práticas sociais híbridas? É possível falar de modelos que combinam racionalidades econômico-instrumental e substantivo-tradicional? E ainda, se cristalizam tais práticas híbridas no espaço, isto é, refletem que tipo de paisagem?

ONDE PLANTAM O MODERNO, COLHEM O TRADICIONAL: MODELOS HÍBRIDOS OU CONFRONTO DE MODELOS?

O conceito de sistema de produção agrícola, largamente utilizado nas ciências agrárias como instrumental de análise da viabilidade econômica dos estabelecimentos agrícolas, tem como proposta buscar captar, a partir do referencial sistêmico (integrativo), as forças ecológicas, históricas, tecnológicas e socioculturais que incidem com pesos (valores) diferenciados sobre a unidade produtiva, segundo as diversas realidades socioterritoriais.

Conforme Garcia Filho (1995), os agricultores valendo-se de racionalidades sócio-econômicas distintas fazem escolhas diferentes no que se refere às culturas, às criações, às técnicas, às práticas agrícolas e econômicas, etc. Portanto, nem todos adotam o mesmo sistema de produção e as mesmas formas de exploração do ecossistema.

Sendo assim, o autor sugere para analisar os sistemas de produção, compreender a sua origem e a sua racionalidade, destacando a importância do estudo aprofundado das práticas agrícolas e econômicas de cada grupo de agricultores - isto é, das técnicas, das variedades

utilizadas, dos “consorciamentos” e das sucessões de culturas, etc., de forma a relacioná-las com os recursos de que dispõem e às condições sócio-econômicas e ambientais nas quais trabalham (GARCIA FILHO, 1995).

Assim, primeiramente, temos do estudo do Itinerário Técnico agrícola praticado nas “Terras de Plantar”, cuja sistematização permitiu evidenciar a relação entre as etapas, as técnicas, os instrumentos e recursos disponibilizados na produção do componente central do sistema de produção: a fumicultura intensiva.

Das entrevistas com os agricultores e suas famílias foi possível destacar que: o cultivo intensivo do fumo ocupa a centralidade do sistema de produção, e que tal atividade - inicialmente relegada ao subsistema ‘terras de plantar’ e localizada às adjacências do criadouro comunitário - começa a penetrar na floresta secundária, lugar de moradia, lazer e reprodução do modo de vida tradicional (expressão do mundo da vida no sentido habermasiano), concebida como o cerne organizacional da vida comunitária faxinalense.

O sistema produtivo centralizado no fumo como tal faz convergir grande parte dos recursos (humanos e naturais) no desenvolvimento da atividade moderna industrial: a sucessão das espécies cultivadas nas glebas ocorre de forma a privilegiar a completude do ciclo do fumo em maior área útil possível, reservando parcelas menores arranjadas para o cultivo do milho no verão e aveia no inverno.

Algumas variações desse subsistema⁸ produtivo ‘fumo-milho(feijão)-aveia’ (figura 1, p. 13) praticado nas ‘Terras de Plantar’ marcam o esquema atual: 1. o cultivo consorciado de abóbora ou melancia com o milho; 2. a reserva de áreas para o manejo de espécies arbóreas nativas como a bracatinga ou exóticas como pinus e eucalipto; e 3. o cultivo de reduzidas parcelas com feijão e soja, consorciados ou não. Ora, é justamente nessa variação do sistema de cultivo hegemônico que reside a particularidade do sistema faxinalense do Taquari dos Ribeiros: mostra-se latente um sentimento de resistência da comunidade ao processo modernizador do seu território quando 43% dos agricultores da comunidade afirma dar continuidade à criação de pequenos animais e a extração de erva-mate no subsistema ‘Criadouro Comunitário’.

⁸ Trata-se de um subsistema, pois reflete parte das atividades produtivas do faxinal como um todo. Vale destacar, conforme Chang (1988), que tradicionalmente os Faxinais são organizados em função da interrelação de pelo menos três subsistemas característicos, 1. o Criadouro Comunitário (onde são praticadas a criação extensiva e a extração da erva-mate); 2. as Terras de Plantar e ;3. o subsistema de enclausuramento: piquetes, cercas, mata-burros, etc.

FIGURA 1 .CALENDÁRIO DE CULTIVOS DO SUBSISTEMA FUMO-MILHO-AVEIA

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Fumo	Colheita					Semead.			Plantio			
Milho					Colheita					Semead.		
Feijão	Semead. (Águas)			Colheita (Águas)					Semead. (Secas)			Colheita (Secas)
Aveia ou Azevém				Semead.								

Fonte: Equipe PNPD-CAPES (2008)

Org: FLORIANI, N. (2010)

Ora, a esse fato deve ser agregada a análise dos geo-símbolos faxinalenses, especificamente do que chamamos do sistema ‘estufa-horta-mata’ que representa a moradia faxinalense que é concebida dentro do próprio criadouro. Pode-se dizer, que a mata é a extensão da casa do agricultor(a) faxinalense onde, além da criação e da extração da erva-mate, a paisagem íntima (de acordo à poética espacial de Bachelar) é organizada em torno da moradia pelo sistema de policultivos tradicionais ‘feijão-mandioca-milho’ e pomar.

Na FIGURA 2 (p. 14) é possível visualizar um padrão organizacional arquitetônico vernacular do tipo “casa-quintal-estufa”, em contigüidade à mata do criadouro comunitário. Tal geo-símbolo define, de acordo com Rua (2005), a inscrição da cultura de um grupo sobre seu espaço, enquanto produto de apropriação e valorização simbólica (afetiva).

Nesse sentido, a pesquisa no Faxinal Taquari dos Ribeiros permitiu evidenciar o grau da relação de dependência/autonomia dos agricultores à fomicultura integrada, que nos leva a refletir sobre a relação moderno/tradicional desde o âmago da matriz cognitiva faxinalense.

Enquanto categoria tradicional, a agricultura faxinalense é depositária de um saber-fazer agrícola derivado da experiência da coletividade com o espaço. Essa particularidade da agricultura tradicional é confirmada quando da afirmação de LEFF et al (2002, p. 500) a respeito da percepção holística que aquela categoria possui do meio ambiente. Para os autores, a percepção holística do meio joga um papel fundamental nos sistemas cognitivos das sociedades tradicionais:

Seus cosmovisões integraram seus mitos e rituais às suas práticas produtivas; seu conhecimento dos fenômenos geofísicos está associado ao conhecimento de diferentes tipos de solos e condições topográficas, permitindo um aproveitamento complementar do espaço ecológico e gerando estratégias de uso múltiplo e integrado dos recursos (LEFF et al, 2002, p. 500).

FIGURA 2. GEOSSÍMBOLOS MODERNO-TRADICIONAIS do FAXINAL TAQUARI DO RIBEIROS - PR



FONTE: Equipe PNPd-CAPES (2008).

A imagem permite visualizar (à frente e à direita) o tradicional paiol de madeira, ao centro a estufa de alvenaria (símbolo de modernidade), ao lado da estufa, à esquerda o tradicional pomar-horta, e ao fundo a floresta secundária do criadouro comunitário.

Vale destacar que os saberes estão sob uma dupla dependência: de um lado, as capacidades cognitivas próprias à espécie humana e, de outro, as características do meio na qual vive determinada sociedade (FRIEDBERG, 1997, p.7). Além do mais, conforme Claudine Friedberg, essa dependência não é absoluta, pois os saberes são elaborados no quadro de práticas técnicas e sociais, de maneira que é possível dizer que é estabelecida a relação entre percepção e concepção, entre representações e práticas.

Dessa forma, as experiências de natureza dos grupos tradicionais com seu território são correlatas das representações que estes grupos fazem de produtividade dos ecossistemas, que legitimam, por sua vez, o ideótipo tradicional de agricultura, isto é, trata-se da configuração de um sistema de regras de pensamento e comportamento dos atores sociais que legitimam o sistema cognitivo e as práticas materiais dos grupos sociais, conferindo um sentido à organização da sociedade em seu conjunto.

Por outro lado, temos de Flament apud Abric (2001) o fato que as representações sociais podem ser alteradas em seu cerne (seu núcleo central) quando limitações externas

infringem modificações às práticas sociais⁹. Ora, estamos falando das limitações de ordem biofísica às práticas da fumicultura moderna no faxinal em questão. Portanto, as características paisagísticas locais (geocenobióticas) oferecem limitações à expressividade tecnológica da fumicultura moderna, combatendo o núcleo central da representação de fertilidade que fundamenta os princípios do ideótipo de agricultura moderna. E de que situações específicas estamos tratando?

Especificamente, existem no subsistema “Terras de Plantar” do Faxinal Taquari dos Ribeiros ambientes restritivos à máxima expressão da fumicultura intensivo-industria. São paisagens configuradas por condições geocenobióticas historicamente manejadas pela agricultura tradicional: as ‘terras-pretas’, concebidas como ambientes férteis (solos ricos em matéria orgânica derivados da dinâmica de sedimentação alúvio-coluial e do desenvolvimento de matas de galeria) propícios ao policultivo de gêneros alimentícios tradicionais, que caracterizam o sistema de produtivo da agricultura cabocla de subsistência ‘feijão(milho)-mandioca-bracatinga’ da região sul do Brasil.

O número de citações foi indicativo considerado no destaque das informações que surgem durante as entrevistas. Os atributos frequentemente citados na classificação vernacular das terras foram: cor (8 citações sobre 10), relevo (6 sobre 10), plantas indicadoras (4 sobre 10), matéria orgânica (3 sobre 10), umidade (3 sobre 10), pedregosidade (2 sobre 10), acidez (1 sobre 10), trabalhabilidade (1 sobre 10), textura (1 sobre 10).

De acordo com a classificação faxinalense, as ‘Terras Brancas’ aparecem como as melhores terras, citadas em cinco entrevistas, contra uma citação para pior qualidade (QUADRO 2); segundo o discurso faxinalense “*é uma terra onde o fumo cresce com vigor, as folhas são mais ‘encorpadas’, de qualidade superior e a produtividade nessa área é maior*”.

⁹ Conforme Abric (2001), as práticas sociais são de algum modo a interface entre as circunstâncias externas e os prescritores internos (o núcleo central) da representação social. Se circunstâncias externas (p.ex.aparecimento de uma doença numa população de coelhos que diminua a oferta desse recurso aos caçadores de peles) não for suficientemente drástica para modificarem as práticas, o núcleo central da representação social não é modificado, adaptando os prescritores condicionais (a periferia do núcleo central) ao entendimento acerca das mudanças das circunstâncias externas (p.ex. os caçadores incrementam suas práticas ecológicas para compensar o desequilíbrio da fauna resultante do desaparecimento dos coelhos), mas a representação social que essas caçadores possuem acerca de desequilíbrio ecossistêmico possa trazer ao ambiente não é modificada. Nesse sentido, Abric (2001,p. 45) declara que: “*apesar de nossos esforços, até agora não pudemos encontrar a pegada de modificação de uma representação social baixo a influência de um discurso ideológico; ao que parece, unicamente as práticas sociais produzem algum efeito*”.

QUADRO 2 . CLASSIFICAÇÃO FAXINALENSE DAS TERRAS SEGUNDO ATRIBUTO QUALIDADE: NÚMERO DE CITAÇÕES

NOMENCLATURA	QUALIDADE			Citação
	MELHORES	PIORES	INTERMEDIÁR.	
Terra Branca	5	1	-	
Terra Preta	1	6	-	
Terra Roxa	-	-	2	

FONTE: Equipe PNPd /CAPES(2008)

As Terras Roxas aparecem na categoria das terras intermediárias, possuindo duas citações; as Terras Pretas são consideradas como as piores terras (seis citações) para o plantio do fumo e, contraditoriamente, a melhor para os cultivos tradicionais (como feijão, milho, mandioca). A justificativa para que esta terra torne-se pior (para o cultivo do fumo) ou melhor (para os cultivos tradicionais) está ancorada no atributo “gordura da terra” (matéria orgânica), responsável pela boa nutrição das plantas, mas para o crescimento prolongado do caule e demasia ramificação das plantas de fumo, em prejuízo do desenvolvimento das suas folhas que perdem valor na comercialização.

A nomenclatura das terras é vinculada à coloração da camada arável e associa-se indiretamente às porções da vertente. Tais atributos (cor do solo e morfologia da vertente) constituem o parâmetro nuclear do sistema classificatório: as terras de boa qualidade (Terras Brancas) para o cultivo intensivo-industrial do fumo estão associadas aos topos e ao terço-superior das encostas, chamados de ‘Lomba’; ao passo que as terras de qualidade inferior para o cultivo do fumo (as Terras Pretas) estão localizadas na ‘Canhada’ e na ‘Prancha’, onde há acúmulo de matéria orgânica e maior teor de umidade no perfil do solo. Tais atributos pedomorfológicos podem ser representados conforme esboço da FIGURA 4 (p. 17).

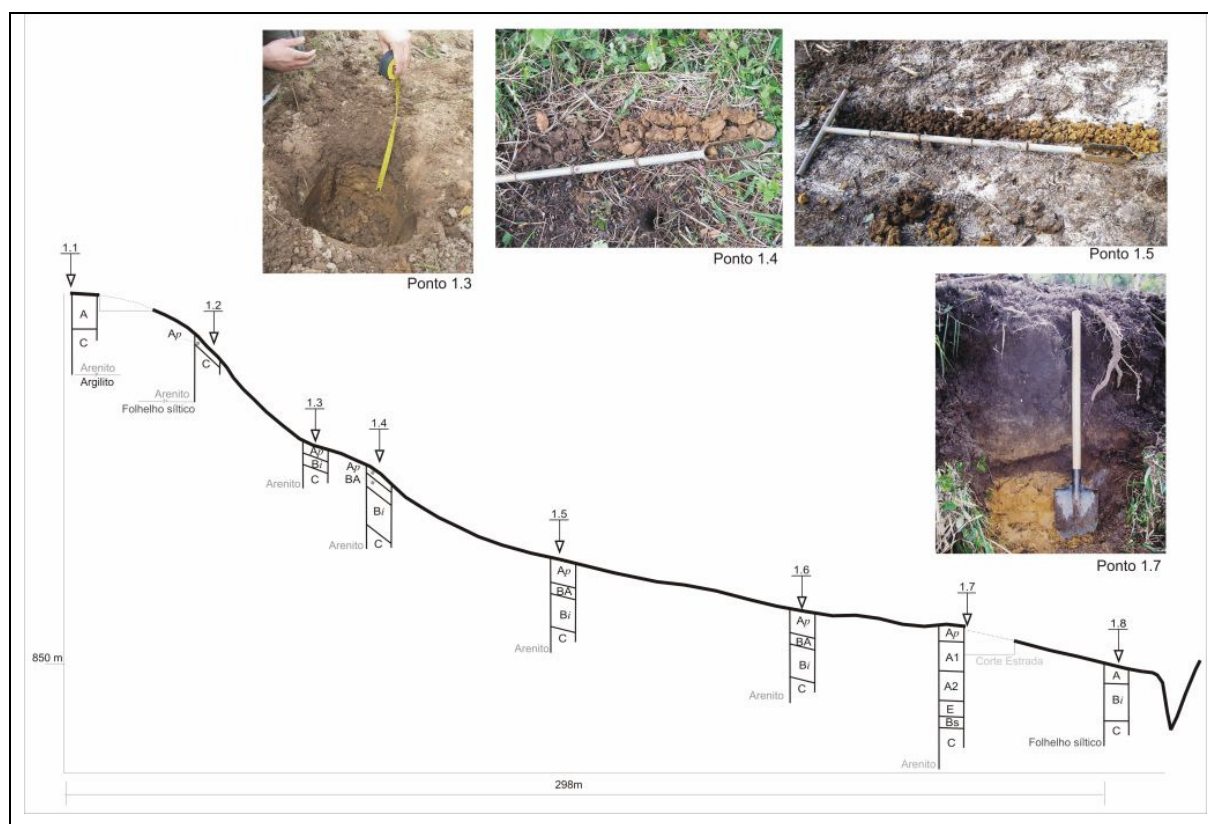
No QUADRO 3 é possível verificar o número de citações dos atributos geomorfológicos utilizados na classificação nativa conforme as respectivas terras. Assim, o atributo geomorfológico Lomba aparece com seis citações para a Terra Branca; em contrapartida o atributo ‘Canhada’ guarda a segunda posição em termos de citação, aparecendo como atributo classificatório da Terra Preta.

QUADRO 3. CLASSIFICAÇÃO FAXINALENSE DAS TERRAS SEGUNDO ATRIBUTOS GEOMORFOLÓGICOS: NÚMERO DE CITAÇÕES

NOMENCLATURA	ATRIBUTOS GEOMORFOLÓGICOS			citações
	LOMBA	PRANCHA	CANHADA	
Terra Branca	6	-	-	
Terra Roxa	2	3	1	
Terra Preta	-	-	5	
Saibrinho	-	1	-	

FONTE: Equipe PNPD /CAPES(2008)

FIGURA 4. TOPOSSEQUÊNCIA NAS 'TERRAS DE PLANTAR' DO FAXINAL TAQUARI



Fonte: Equipe de pesquisa PNPD-CAPES (2008)

Org: FLORIANI,N.(2010)

Obs: No modelo de topossequência é possível visualizar o perfil de solo correspondente às 'Terras-Pretas' (Ponto 1.7), situadas no terço inferior das encostas com suposta origem pedogenética alúvio-coluvionar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das representações espaciais que os agricultores possuem acerca da potencialidade produtiva do território faxinalense suscitou algumas reflexões. A representação coletiva acerca da qualidade das terras é, em parte, revelada quando questões são colocadas aos agricultores sobre a existência de "terras boas ou ruins" em suas propriedades; quando

incitados a classificar e hierarquizar as terras segundo os respectivos potenciais produtivos (“*o que se deve considerar para a terra ser boa ou ruim?, como são elas?*”); e quando incitados a prescreverem recomendações para a melhoria de suas limitações produtivas. Segundo um dos agricultores entrevistados:

Terra ruim é a terra preta, tem de colocar calcário e esterco para produzir, mas, se colocar calcário, fica melhor que a terra branca. Na terra preta, é encontrada a Tupixaba-preta. Terra Preta, não dá qualidade para secar as plantas. Para plantar fumo na terra preta, tem de colocar mais adubo e salitre e corrigir com calcário. A terra ‘boa’ é a Terra-branca e a Terra-roxa, que ficam em cima, nelas encontramos a Tupixaba-branca que indica que a terra é boa. Fumo bom só se consegue na Terra-Branca¹⁰.

Destaca-se que tais atributos da qualidade das terras referem-se à produção intensivo-industrial de fumo, portanto, seguindo um itinerário técnico da agronomia moderna. No entanto, essa representação de fertilidade (potencial produtivo) da terra suscita algumas questões relevantes: se tradicionalmente as ‘terras pretas’ são consideradas como as mais férteis, por que motivo são agora consideradas como piores? Piores em relação a que? Para que? Como o próprio agricultor responde ao final de sua resposta “*Fumo bom só se consegue na Terra-Branca*”.

Diante desse fato, aparece como **proposta de debate** a seguinte questão de partida: é possível dizer que ocorre uma inversão, ou substituição de valores a respeito do imaginário de fertilidade ecossistêmica no Faxinal investigado? Defendemos a hipótese que o que vem ocorrendo atualmente no Faxinal estudado é o fenômeno de adaptação das práticas de agricultura moderna pelos agricultores faxinalenses ao *corpus* de conhecimento, transformando o imaginário tradicional de fertilidade das terras¹¹, por dois motivos: i. as mudanças tecnológicas já não apontam necessariamente para substituição de práticas tradicionais por práticas de insumos industriais e tampouco para uma universalização dessas práticas, posto que o ambiente passa a ser uma referência na reorganização sociotécnica da agricultura; as práticas ecológicas que incorporam o manejo de recursos naturais passam a ser consideradas nas escolhas técnicas (ALMEIDA, 2003); ii. o saber-fazer local mostra-se ainda

¹⁰ A justificativa geral dos agricultores sobre o porque da ‘Terra Preta’ ser pior para o fumo, ou melhor para os cultivos tradicionais, está ancorada no atributo “gordura da terra” (matéria orgânica): responsável pela nutrição adequada das plantas, a matéria orgânica provoca, não obstante, o crescimento prolongado do caule e demasia ramificação das plantas de fumo, sem o devido desenvolvimento das suas folhas, perdendo valor na comercialização.

¹¹ Posto que se as ‘Terras Pretas’ são consideradas como as piores terras para o plantio do fumo; permanecem, contraditoriamente, como a melhor das terras para os cultivos tradicionais (como feijão, milho, mandioca), praticados ainda por 11% dos agricultores nas ‘Terras de Plantar’, mas pela maioria dentro do ‘Criadouro Comunitário’.

operacional (funcional) no Faxinal, não podendo ser substituído pela tecnociência devido às limitações naturais impostas às práticas de fumiicultura moderna.

É, portanto, levando-se em consideração esses fatores que a territorialidade faxinalense afirma-se deixando suas marcas na paisagem simbolicamente materializadas em formas híbridas. Na interpretação dessas expressões híbridas nota-se a confluência de imaginários e de práticas registrada nas falas dos agricultores.

Nesse sentido, é possível afirmar a existência da pluralidade de influências de distintas esferas institucionais formais e informais: das instituições de pesquisa e extensão rural, do mercado, da mídia, dos mecanismos legais, etc; ao passo que outros indicam a história co-evolutiva da comunidade com a natureza, isto é, a herança cultural do 'savoir-faire' agrícola que vem sendo adaptado a cada geração porque mostram-se ainda coerente com as especificidades locais e porque são ainda operacionais, não sendo substituídos pela racionalidade técnico-instrumental.

Este mosaico de influências combina diferentes tipos de saberes que reconstróem a paisagem rural e são reelaborados e filtrados conforme os anseios e projetos dos agricultores, tendo-se em vista que a propriedade familiar é o lugar onde reside a independência e autonomia do(a) agricultor(a) em relação ao mundo do sistema racional (MENDRAS, 1978; LANDAIS et al, 1987; LAMARCHE, 1997; WANDERLEY, 2000; ALMEIDA, 2003; PINHEIRO, 2004). Nesse sentido, o fenômeno de transformação identitária e cognitiva pode ser explicado também como um processo de resistência de uma determinada organização cultural à dominação e à assimilação de influências de formações sociais externas.

REFERÊNCIAS

ABRIC, C. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ed. Coyoacán S.A., CCC IFAL. 1ª. Ed. 2001, 227p.

ALMEIDA, Luciano. Mudanças técnicas na agricultura: perspectivas da transição agroambiental em Colombo - PR. Curitiba, 2003. 312 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Paraná.

BERTRAND, G. La géoagronomie, en nouveau territoire? In: Dir. PREVOST, P. **Agronomes et territoires**. Actes du colloque. Paris: Edition ENTRETIENS DU PRADEL, p. 25-33, 2005.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2 ed. 2004, 84-91 p.

CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná**. Londrina: IAPAR, 1988.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed UFSC, 3ª ed. 2007.

_____. **Épistemologie de la géographie**. Paris: Armand Colin, 2005, p. 266.

CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

COSGROVE, D. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. In: CORREA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, 33-60 p.

DEBARBIEUX, B. Neuf enjeux de l'iconographie de projet et de prospective de territoire. In: DEBARBIEUX, B; LARDON, S. (org.). **Les figures du projet territorial**. Paris: Auber-datar, 2003. 267 p.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R.S.V; SILVA, V.C.F.; FIGOLS, F.A.B.; ANDRADE, A. **Saberes tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP/PROBIO-MMA/CNPq; 1999, 211 p.

EMBRAPA. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Rio de Janeiro: EMBRAPA Solos, 1999.

_____. Centro Nacional de Pesquisa de solos (Rio de Janeiro, RJ). **Levantamento de reconhecimento de solos do Estado do Paraná**. Londrina, 1984. 2 tomos. (Embrapa-SNLCS. Boletim de Pesquisa, 27: IAPAR. Boletim Técnico, 16).

FERREIRA, A.D.D. Processos e sentidos do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. In: **Estudos Sociedade e Agricultura**. Curitiba: Editora UFPR, n. 18, 2002, p. 28-46.

FLORIANI, D. **Conhecimento, Meio Ambiente e Globalização**. Curitiba: Editora Juruá, 2004.

FLORIANI, N. **Avaliação de terras por agricultores ecológicos de Rio Branco do Sul-PR: uma abordagem geo-sócio-agronômica da paisagem rural**. Curitiba, 2007. 366 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Meio Ambiente e Desenvolvimento) -Universidade Federal do Paraná.

FRÉMONT, A. **La région, espace vécu**. Paris : Ed. Flammarion, ed. 2, 1999, 288 p.

FRIEDBERG, C. Diversité,ordre et unité du vivant dans les savoirs populaires. **Nature,Science et Société (NSS)**, 1997, vol. 5, no.1, pg. 5-17.

GARCIA FILHO, D. P. **Análise e diagnóstico de sistemas agrários – Guia metodológico**. INCRA/FAO, 1999, 65 p.

GODELIER, M. **L'idéal et le matériel: pensée, économies, sociétés**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1984. 348 p.

KLEIN, R.M. O aspecto dinâmico do pinheiro brasileiro. **Sellowia**, Itajaí, v.12, p.17-44, 1960.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. 2. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 215-232.

LAMARCHE, H. **A Agricultura familiar: do mito à realidade**. Campinas: UNICAMP, v.2, 1997.

LANDAIS, É; DEFFONTAINES, J-P; BENÔIT, M. **Les pratiques des agriculteurs**. Point de vue sur un courant nouveau de la recherche agronomique. Revue Études Rurales, 108, jan-mar, 1988.

LEFF, E.; ARGUETA, A.; BOEGE, E.; PORTO-GONÇALVES, C.W. Mas alla del desarrollo sostenible. La construccion de una racionalidad ambiental para la sustentabilidad: Una vision desde America Latina. In: LEFF, E. (org). **La Transición hacia el Desarrollo Sustentable: Perspectivas de América Latina**. Mexico: INE-SEMARNAT, UAM, PNUMA, 2002, 479-578 p.

_____. **Ecologia, Capital e Cultura: racionalidade ambiental, democracia e desenvolvimento sustentável**. Tradução de SILVA, J.E.- Blumenau: Editora da FURB, 2000.381p.

_____. Epistemologia Ambiental. São Paulo: editora Cortez, 2001.

LÖWEN SAHR, C. L. . Preservação e revitalização do Sistema Faxinal na Região da Mata de Araucária do Paraná: um Projeto Extensionista. Revista Conexão UEPG ^{JCR}, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 42-46, 2005.

_____; CUNHA, L.A. O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária no paraná. **Emancipação**, Ponta Grossa, 5(1): 89-104, 2005.

_____, C. L. ; IEGELSKI, Francine . O Sistema Faxinal no Município de Ponta Grossa: diretrizes para a preservação do ecossistema, do modo de vida, da cultura e das identidades das comunidades e dos espaços faxinalenses. 2003.

MACIEL, C.. Morfologia da Paisagem e Imaginário Geográfico: Uma Encruzilhada Onto-Gnoseológica. **GEOgraphia**, América do Norte, 3, set. 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/67/65>. Acesso em: 23 Mar. 2010.

- MENDRAS, H. 1978. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1ª Ed., 1978.
- PEREIRA, T.K. ; CHAVES, C. C. ; MACHADO, N.C. ; FLORIANI, N. ; MORO, R. S. . Fitossociologia do criadouro comunitário do faxinal Taquari dos Ribeiros, Rio Azul, PR. In: Primeiro Seminário Internacional em Ciência e Tecnologia, 2009, Cascavel. **Anais do Primeiro Seminário Internacional em Ciência e Tecnologia**. Cascavel : Unioeste, 2009.
- PINHEIRO, G.S.R. **Agricultor familiar e projeto agroecológico de vida**. 2004. 112p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Huitec, 2.ed., 1997. 384 p.
- SAQUET, M.A. **Abordagens e concepções de território**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 200p.
- TOLEDO, V. M. Biodiversity and indigenous peoples. Pages 330-340. In: S. A. Levin, editor. **Encyclopedia of Biodiversity**. Academic Press, San Diego, California, USA, 2001.
- WANDERLEY, M.N.B. A valorização da agricultura familiar e a reinvidicação da ruralidade no Brasil. In: Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n.2, p. 29-38, 2000.